



A Santa Sé

VISITA PASTORAL À TERNI (ITÁLIA)

(19 DE MARÇO DE 1981)

**CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA AS FAMÍLIAS
NO ESTÁDIO DESPORTIVO "LIBERATI"**

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Terni, 19 de Março de 1981

1. "*Felizes os que moram em vossa casa (Senhor): podem louvar-vos continuamente*" (SI 83/84, 5).

Caros Irmãos e Irmãs

Depois do encontro de manhã no lugar do trabalho, reunimo-nos agora neste amplo estádio a fim de participarmos *na Eucaristia*. Mais uma vez desejo exprimir-vos gratidão, porque — no dia em que a Igreja venera São José, "homem justo", que em Nazaré trabalhou junto do banco de carpinteiro — me foi dado encontrar-me convosco dentro da sede de uma das fábricas, onde se encontra o banco de trabalho de tantos homens, residentes em Terni, e nas localidades circunstantes. Este nosso encontro foi centrado no grande problema do *trabalho humano*, para o qual o dia de hoje dirige de modo particular os nossos pensamentos e os nossos corações.

Aqui vos saúdo pela segunda vez num círculo mais amplo: *acompanhados pelas vossas famílias*, pelas vossas mulheres e pelos filhos, pelos vossos familiares, parentes, vizinhos e conhecidos. José de Nazaré, "homem justo" — cuja solenidade nos permite olhar com os olhos da fé para a grande causa do trabalho humano — é ao mesmo tempo chefe da casa, chefe das famílias da Sagrada Família; assim como cada um de vós, meus Irmãos e Irmãs, é marido e pai, ou esposa e mãe, responsável pela família e pela casa. Há *estreito laço entre o trabalho e a família*: entre o vosso trabalho e a vossa família. É São José, a título particular, patrono deste laço. E por isso

bem é que, depois do nosso encontro matutino, que nos viu recolhidos à volta do banco do vosso trabalho, nos possamos encontrar aqui para dedicar às famílias a Santa Missa da solenidade. A cada família e a todas as famílias.

Precisamente estas famílias desejo eu convidar de modo mais cordial para a comunidade eucarística, que exprime a nossa *unidade familiar* com Deus, Pai de Jesus Cristo e nosso Pai — e ao mesmo tempo manifesta a unidade recíproca dos homens, sobretudo daqueles que formam uma só família.

2. A Eucaristia manifesta e realiza a *unidade familiar de toda a Igreja*. Para participar no sacrifício de Cristo, para alimentar-se do Seu Corpo e do Seu Sangue, a Igreja reúne-se como uma família junto da mesa da Palavra Divina e junto da mesa do Pão do Senhor.

Hoje, nesta solene assembleia eucarística participa, e modo particular, toda a Igreja de Terni, Narni e Amélia.

Desejo saudar cordialmente esta Igreja como a família do Povo de Deus com o Bispo, Santo Bartolomeo Quadri, que é o seu pastor, e com todo o presbitério. Saúdo os membros dos Cabidos, os Educadores do Seminário, os Párocos e os seus Colaboradores. Saúdo também os Religiosos e as Religiosas das Ordens e das Congregações, que realizam o seu trabalho na região, oferecendo o seu precioso contributo à edificação do povo de Deus. Dirijo um deferente pensamento às Autoridades civis, que desejaram honrar com a sua presença esta nossa Celebração. Uma palavra de saudação quero reservar para a representação da paróquia de Castelnuovo di Conza, vítima do recente terremoto, com a qual os fiéis desta Terra se ligaram louvavelmente como gémeos, para a solidariedade. Saúdo também com particular cordialidade os leigos comprometidos no apostolado, especialmente os que entre si aceitaram inserir-se activamente nas várias formas associativas que operam a nível quer diocesano quer paroquial. E saúdo os jovens, que vejo aqui presentes tão numerosos: saibam eles conservar o coração sempre aberto aos valores anunciados no Evangelho, empenhando-se por construir sobre eles um futuro mais digno do homem. Uma saudação, enfim, a todos os fiéis das Comunidades diocesanas que, no quotidiano desempenho das suas tarefas familiares e sociais, atestam diante dos irmãos a solidez das suas convicções cristãs.

As Igrejas de Terni, Narni e Amélia podem orgulhar-se de antigas tradições de fé, seladas pelo sangue de Mártires ilustres: Valentim, Juvenal e Firmina são nomes que vos são bem conhecidos; evocam a recordação de tempos difíceis, em que a adesão a Cristo comportava o sacrifício até da própria vida. O exemplo de impávida fortaleza, que os vossos santos Patronos vos deixaram como património imperecedouro, seja, para todos os filhos desta terra, constante incitamento àquela corajosa coerência de vida, sem a qual não é possível sentirmo-nos e sermos autenticamente cristãos. A exemplo daqueles antigos cristãos que *morreram, pela fé, sabeis vós, hoje, viver a fé!*

3. A leitura do Evangelho segundo São Mateus convida-nos a meditar num momento particular da vida de José de Nazaré, momento cheio de conteúdo divino e ao mesmo tempo de profunda verdade humana. Lemos: "O nascimento de Jesus deu-se do seguinte modo: Maria, Sua Mãe, tornara-se noiva de José e, antes de terem vivido em comum, encontrara-se grávida, por virtude do Espírito Santo" (Mt 1, 18). Quando ouvimos estas palavras, vêm-nos à mente aquelas outras bem conhecidas, que rezamos quotidianamente na oração da manhã, do meio-dia e da tarde: "O Anjo do Senhor anunciou a Maria e Ela *concebeu por obra do Espírito Santo*".

Por obra do Espírito Santo foi concebido o Filho de Deus para se tornar homem: filho de Maria. Este foi o mistério do Espírito Santo e de Maria. O Mistério da Virgem, que às palavras da anunciação respondeu: "Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38).

E assim aconteceu: "E o Verbo fez-se homem e habitou entre nós" (Jo 1, 14). E sobretudo veio habitar no seio da Virgem que — permanecendo virgem — se tornou mãe: "achou-se que tinha concebido por virtude do Espírito Santo" (Mt 1, 18).

Este foi o mistério de Maria. José não conhecia este mistério. Não sabia que n'Aquela de quem ele era esposo, ainda que, em obediência à lei hebraica não a tivesse ainda acolhido sob o seu tecto, se tinha cumprido aquela *promessa* da Fé feita a Abraão, de que fala na segunda leitura de hoje São Paulo. Isto é, que se tinha cumprido nela, em Maria da estirpe de David, a profecia que em tempos o profeta Natán dirigira a David. A profecia e a promessa da Fé, cuja realização esperava todo o Povo, o Israel da divina eleição, e toda a humanidade.

Este foi o mistério de Maria. José não conhecia este mistério. Não lho podia transmitir Ela, porque era mistério superior às capacidades da inteligência humana e às possibilidades da língua humana. Não era possível transmiti-lo com algum meio humano. *Só se podia aceitá-lo de Deus — e crer.* Assim como creu Maria.

José não conhecia este mistério e por isto muitíssimo sofria interiormente. Lemos: "José, o esposo dela, que era justo e não queria expô-la à difamação, resolveu repudiá-la em segredo" (Mt 1-19).

Mas chegou certa noite, quando também José *creu*. Foi-lhe dirigida a palavra de Deus e tornou-se claro para ele o mistério de Maria, da sua Esposa e Cônjuge. Ele acreditou que n'Ela se tinha cumprido a promessa da fé feita a Abraão e a profecia que ouvira o Rei David. (Ambos, José e Maria, eram da estirpe de David).

"José, filho de David, não tenhas receio de trazer Maria, tua Esposa, para junto de ti, pois o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo. Dará à luz um Filho, ao qual porás o nome de Jesus, pois Ele há-de salvar o seu povo dos Seus pecados" (Mt 1, 20-21).

"Assim que despertou do sono — conclui o Evangelho — José fez como Lhe ordenara o Anjo do Senhor" (*Mt 1, 24*).

4. Nós, aqui reunidos, ouvimos estas palavras — e veneramos José, homem justo: José que amou mais profundamente Maria, da casa de David, porque aceitou todo o seu mistério. Veneramos José, no qual se espelha mais plenamente do que em todos os pais terrenos a *Paternidade de Deus mesmo*. Veneramos José que ao Verbo Eterno construiu a casa familiar na terra — assim como Maria Lhe deu o corpo humano. "O Verbo fez-se homem e habitou entre nós" (*Jo 1, 14*).

Deste grande mistério da fé dirigimos os nossos pensamentos para as nossas casas, para tantos casais e famílias. José de Nazaré é particular revelação da *dignidade da paternidade humana*. José de Nazaré, o carpinteiro, o homem do trabalho. Pensai nisto vós — precisamente vós —, homens do trabalho de Terni, de Narni, de Amélia e de toda a Itália, toda a Europa e todo o mundo. Sobre a dignidade da paternidade humana — sobre a responsabilidade do homem, marido e pai, assim como também sobre o seu trabalho — apoia-se a família. José de Nazaré dá-nos disso testemunho.

As palavras que Deus Lhe dirige "José, filho de David, não tenhas receio de trazer Maria, tua Esposa, para junto de ti" (*Mt 1, 20*) não são porventura dirigidas a cada um de vós? Caros Irmãos, maridos e pais de família! "Não tendes receio de trazer...". *Não abandoneis!* Foi dito no princípio: "Por este motivo, o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher" (*Gén 2, 24*), E Cristo acrescenta: "Aquilo, pois, que Deus uniu não o separe o homem" (*Mc 10, 9*). A solidez da família, a sua estabilidade é um dos *bens fundamentais do homem e da sociedade*. Na base da solidez da família está a indissolubilidade do matrimónio. Se o homem, se a sociedade procuram os caminhos que privam o matrimónio da sua indissolubilidade e a família da solidez e da estabilidade, então cortam quase a raiz mesma da sua salvação, privam-se de um dos bens fundamentais, sobre que é construída a vida humana.

Irmãos queridos! Aquela voz, que ouviu José de Nazaré naquela noite decisiva da sua vida, chegue até vós sempre, em particular quando está iminente o perigo da destruição da família, "Não temais perseverar"! "Não abandoneis"! Comportai-vos assim como fez aquele Homens justo.

5. José, filho de David, não tenhas medo de trazer Maria para junto de ti e Aquele que foi gerado nela (cf. *Mt 1, 20*), Assim diz Deus-Pai ao homem, com que, em certo modo, partilhou a Sua paternidade. Deus, caros Irmãos, partilha em certo sentido a Sua paternidade com cada um de vós. Não do modo misterioso e sobrenatural, como o fez com José de Nazaré... Contudo, toda a paternidade na terra, toda a paternidade humana, d'Ele toma o seu princípio, e n'Ele encontra o seu modelo. A vossa paternidade humana, caros Irmãos, relaciona-se sempre com a maternidade. E aquele que é concebido no seio da mulher-mãe une-vos a vós esposos, marido e mulher, com um particular laço que Deus-Criador do homem abençoou "desde o princípio". Este é

o vínculo *da paternidade e da maternidade*, que se forma desde o momento em que o homem, o marido, encontra na maternidade da mulher a expressão e a confirmação da sua paternidade humana.

A paternidade é responsabilidade pela vida: pela vida primeiro concebida no seio da mulher, depois dada à luz, para que nela se revele um novo homem, que é sangue do vosso sangue e carne da vossa carne. Deus que diz "Não abandones a mulher, tua esposa", diz ao mesmo tempo: "*acolhe a vida concebida nela!* Assim como o disse a José de Nazaré, embora José não fosse o pai carnal d'Aquele que foi concebido por obra do Espírito Santo em Maria Virgem.

Deus diz a cada homem: "Acolhe a vida concebida por tua obra! Não te permitas suprimi-la!". Deus diz assim com a voz dos seus mandamentos, com a voz da Igreja. Mas Ele diz assim sobretudo com a *voz da consciência*. A voz da consciência humana. Esta voz é unívoca, não obstante tudo o que se faça para impedir que ela seja ouvida e para sufocá-la, isto é, para que o homem não oiça e a mulher não oiça esta voz simples e clara da consciência.

Os *homens do trabalho*, os homens do trabalho duro, *conhecem* esta voz simples da consciência. O que eles sentem do modo mais profundo é precisamente aquele laço que une o trabalho e a família. O trabalho é para a família, pois o trabalho é para o homem (e não vice-versa) — e exactamente a família, e primeiro que tudo a família, é o *lugar próprio do homem*. É o ambiente em que ele é concebido, nasce e cresce; o ambiente pelo qual ele assume a responsabilidade mais séria, no qual ele se realiza quotidianamente; o ambiente da sua felicidade terrena e da humana esperança. E por isso hoje, no dia de São José, conhecendo os corações dos homens do trabalho, a sua honestidade e responsabilidade, exprimo a convicção de que precisamente eles assegurarão e consolidarão estes dois bens fundamentais do homem e da sociedade: *a solidez da família e o respeito da vida* concebida sob o coração da mãe.

6. "Felizes os que moram em vossa casa, Senhor" (cf. *Sl* 83/84, 5).

Desejo-vos, caros Irmãos e Irmãs, a felicidade. Desejo-vos aquela felicidade que brota da consciência pura. Desejo-vos aquela felicidade que oferece o lar doméstico. *Desde a casa nazaretana* de José, de Maria e de Jesus, desde aquele modesto banco de trabalho, unido com ela, traço no pensamento e no coração quase uma linha contínua até estes modernos estaleiros do trabalho industrial, nos quais vós vos esfalfais — e levo-a mais longe: até às *vossas casas, às vossas famílias*. Reine nelas a felicidade que provém de Deus. Seja ela mais forte que todas as provas da vida, das quais nunca está isento o homem na terra. E sobretudo nas vossas casas, nas vossas famílias, desenvolva-se o *homem segundo a medida própria da sua dignidade*.

Da dignidade que lhe deu Jesus de Nazaré... Jesus de quem se falava como do "filho do carpinteiro" (*Mt* 13, 55). Apesar de Ele ser da mesma substância do Pai, o Filho de Deus que encarnou e nasceu como homem da Virgem Maria por obra do Espírito Santo.

E crescia em Nazaré ao lado de José. Sob o seu olhar vigilante e desvelado.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana